

## **A INTEGRAÇÃO TURÍSTICA DA FAVELA NA PERSPECTIVA DOS MORADORES “PACIFICADOS”: UM ESTUDO DE CASO NO CHAPÉU-MANGUEIRA**

*Joel Couto Saar de Almeida*

### **RESUMO ESTENDIDO**

#### **APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho foi consistido a partir de minha monografia de conclusão de curso em ciências sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo a mesma sido orientada pela socióloga Márcia da Silva Pereira Leite.

Quis contribuir ao debate a respeito do turismo em favelas tendo como consideração o entendimento dos moradores a respeito do tema, porém dentro de um cenário atualizado pela questão da segurança pública, ou seja, quando o incremento dessa atividade econômica ocorre numa modalidade territorial de favela denominada “pacificada”; Termo esse que considero se tratar, pela leitura do artigo de Machado da Silva (2010) e da dissertação de mestrado do então Capitão da PMERJ (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro) Major Eliézer de Oliveira Farias (2009), de uma força policial instituída em uma ordem jurídico-legal plena e permanente, mas diferenciada em seus princípios do resto da cidade.

Demonstrar-se aqui, através da pesquisa de campo e a apresentação dos resultados encontrados, parte da compreensão que os habitantes “pacificados” mantêm sobre esse processo integrador através da maneira com que se posicionam perante a questão do desenvolvimento turístico, que é tido nessa análise como fenômeno chave no discurso que referenda essa forma de integração social concebida de forma subalternizada. Já que o território favelado é visto no imaginário social como lugar

privilegiado da violência, o que o torna, portanto, alvo legítimo de uma ação “pacificadora”.

O fenômeno turístico é relevante, portanto, à análise sócio-antropológica, não somente pelos possíveis benefícios econômicos advindos, mas também pela exposição midiática propiciada, e pelas mudanças sociais que provoca, pois como Freire-Medeiros (2009) aponta, há inequívocas mudanças nos padrões de interação social, que provocam uma re-significação sobre as concepções mútuas entre os atores envolvidos, criando, os mesmos, a partir de seu lugar, regras de interação onde a gramática da socialização se atualiza a cotidianamente.

A exposição da visão dos habitantes, não somente sobre a atividade em si, mas também sobre a interação que têm ou não com os turistas, além da descrição do que acreditam ser o potencial motivador para a oferta de empreendimentos turísticos da favela do Chapéu-Mangueira, objetou entender como esse fenômeno particular de integração, em que se confluem interesses do poder público com o do capital privado, possibilitando, por isso, o incremento do turismo no local, repercute nos moradores envolvidos nesses processos territoriais onde a diferença social se revela como atrativo turístico.

Essa “comunidade” (eufemismo usado pelos moradores e poder público) localiza-se no Leme, um dos bairros mais caros da cidade Rio de Janeiro, e compartilha a encosta do Morro da Babilônia com uma favela com esse mesmo nome. Ambas as localidades coexistem com uma Área de Preservação Ambiental (APA), e procuram se distinguir por essa proximidade, dando grande importância às iniciativas relacionadas à sustentabilidade (argumento esse no qual o turismo também busca se arvorar), há, inclusive, iniciativas internas que buscam o desenvolvimento de um turismo aliado às questões da responsabilidade ambiental (CoopBabilônia e ChapéuTour). Por estarem no mesmo morro ganharam uma única UPP, a quarta desse modelo, que teve sua atuação iniciada ainda no segundo bimestre de 2009.

O turismo já existia em algumas das favelas “pacificadas”, mas ganha novos contornos possibilitados pelo “status” de segurança, portanto tem-se por hipótese que a motivação turística nesse caso é oposta ao fetiche do medo provocado pela presença do

crime violento como apontado por Freire-Medeiros (2009), pois é a “normalização” das relações cotidianas, ocasionadas pela UPP, o elemento propulsor do desenvolvimento de ao menos dois empreendimentos turísticos relevantes à favela do Chapéu-Mangueira, o Bar do David e o albergue Favela Inn.

## **METODOLOGIA**

Durante a parte empírica dessa pesquisa tive a oportunidade de morar, por aproximadamente trinta dias, entre os meses de julho e agosto de 2011, desenvolvendo uma observação participante, que inicialmente “flutuou” no território (Péttonet, 2008) e estabeleceu contatos.

Posteriormente, na primeira quinzena de novembro do mesmo ano, me concentrei na realização de vinte e cinco entrevistas, individuais ou não, porém, cabe ressaltar que, alguns dos dados utilizados aqui, principalmente junto aos promotores/moradores, foram registrados durante a minha permanência com morador na localidade.

A pesquisa, na fase de reconhecimento, consistiu de um trabalho de campo aberto às contingências, onde busquei viver a estadia como uma experiência social privilegiada, sem restringir minha participação; porém, omitindo, primordialmente em situações passageiras, a intencionalidade da minha presença, pois vim a assumir o papel de morador da favela ao manter meus compromissos diários, o que me fez viver uma espécie de rotina de vida, não sendo um pesquisador em tempo integral no campo.

## **DESENVOLVIMENTO**

Minha entrada no campo de pesquisa ocorreu através do professor Cláudio Batista, morador “nativo”, e amigo do antropólogo Marco Aurélio de Mello (LeMetro/UFRJ), que se disponibilizou em me levar a uma visita guiada, onde também me apresentou a algumas lideranças políticas e operadores do turismo da localidade.

Durante minha estadia aprofundei meu contato com a família Medina, operadora do Favella Inn, e participei de reuniões políticas locais e festas associativas, além de ter freqüentado o comércio local, assisti a um *tour* e a uma apresentação de pagode na laje.

Devido a essa minha experiência classifiquei analiticamente três tipos de moradores pelas possibilidades de encontro com os turistas e os interesses econômicos advindos, havendo: os agentes promotores/ moradores que se envolvem diretamente na consecução do turismo na favela, incluindo aí o presidente da associação de moradores; os comerciantes locais que se beneficiam do aumento, mesmo que irrisório, nas vendas, e têm por sua atividade mais possibilidade de contato com os turistas e por fim, os moradores não envolvidos, que sabem da ocorrência turística, mas que em sua maioria mantêm apenas contatos superficiais, como saudações de bom dia ou boa tarde.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

Os agentes promotores, assim como os comerciantes locais, acreditam de maneira unânime nos benefícios que a atividade turística pode proporcionar e, excluindo o presidente da associação e uma das comerciantes, lembram que tal atividade vem a contribuir na formação de uma nova imagem da favela, dissociando-a de alguma maneira da idéia de “favela” como território restrito à pobreza e à violência.

Já entre os moradores não envolvidos, fora os que não souberam responder, somente um não indicou os possíveis benefícios que a execução da atividade turística pode proporcionar, confirmando-se, assim, com minha pesquisa, as análises que tratam da percepção dos moradores sobre o “*propoor tourism*” desenvolvidas por Freire-Medeiros (2009) com relação à “positividade” que os mesmos mantêm, cabe lembrar que a autora ressalta o fato desse termo ser um escopo sintetizador muito amplo, indo do ganho econômico direto, à filantropia, passando pela possibilidade de superação do estigma. Somente dois dos entrevistados apontaram o problema do não compartilhamento do lucro advindo da consecução desses empreendimentos.

Descobriu-se que os executores do turismo na localidade são restritos, e que só não são exclusivos de uma única família, a de sobrenome Medina, por ter havido no local o desenvolvimento de uma atividade alimentícia por parte de outro morador, que repercutiu na mídia “expontaneamente” e acabou, por isso, se tornando “turística”. Alguns dos habitantes do lugar, dentro da pouca interação que mantêm com os turistas, confundem os novos moradores estrangeiros com turistas, evidenciando a valorização imobiliária pela qual passa a favela.

Segundo os moradores, o principal potencial da favela está no tópico analítico enquadrado por mim como “paisagem” e no qual, a maioria das falas se centrou, tendo alinhada em suas argumentações, algumas vezes, a natureza local; o que coloca, pela percepção dos mesmos, as questões sobre a diferença social e a superação do estigma em um segundo plano. Contudo foi alto também o índice de moradores não envolvidos nas atividades comerciais locais que não souberam responder a possível atratividade local.

Evidencia-se, assim, uma integração parcial, confirmando o pouco envolvimento social que a maioria dos moradores da localidade mantêm com a atividade, apesar dos mesmos acreditarem que seja bom o desenvolvimento local da indústria do turismo, não só pelo benefício comercial, mas também, pela possibilidade de superação da imagem estigmatizante que historicamente sofrem.

## **BIBLIOGRAFIA**

FARIAS, E. O. (2009) **Uma análise da Unidade de Polícia Pacificadora da favela do Batan: Protocolo de intervenção policial para a implantação do policiamento comunitário em comunidades conflagradas – RJ.** Dissertação de Mestrado em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública pelo Centro de Altos Estudos de Segurança, PMESP, São Paulo.

FREIRE-MEDEIROS, B. (2009) **Gringo na laje. Produção, circulação e consumo da favela turística.** Rio de Janeiro: FGV.

MACHADO DA SILVA, L.. (2010) **Afinal, qual é das UPPs?** Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, Março de 2010.

PÉTONNET, C. (2008) **Observação flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense.** Revista Antropolítica. Niterói: Ed.UFF.